

Biografia e identidade no Império Romano

J. L. Brandão, C. Teixeira,
F. Favarsani, A. Rodrigues
Coord.

HVMANITAS SVPPLEMENTVM • ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

Apresentação: esta série destina-se a publicar estudos de fundo sobre um leque variado de temas e perspectivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.

Breve nota curricular sobre a Coordenação do volume

José Luís Brandão é Professor Associado em Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do CECH.

Cláudia Teixeira é Professora Associada da Universidade de Évora, doutorada em Literaturas Clássicas e investigadora do CECH.

Fábio Favarsani é Doutorado pela Universidade de São Paulo e Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

Ália Rodrigues é Doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e foi Investigadora Pós-Doutoranda no Projecto BioRom sediado no CECH.

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

DIRETORES ADJUNTOS
EDITORIAL ASSISTANTS

José Luís Brandão
Universidade de Coimbra

Margarida Miranda
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME
EDITORIAL BOARD FOR THIS VOLUME

Alexandre Agnolon (UFOP)
Armando Senra Martins (U. Évora)
Cristina Pimentel (U. Lisboa)
Francisco Oliveira (UC)

Biografia e identidade no Império Romano

J. L. Brandão, C. Teixeira,
F. Favarsani, A. Rodrigues
Coord.



SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

BIOGRAFIA E IDENTIDADE NO IMPÉRIO ROMANO
BIOGRAPHY AND IDENTITY IN THE ROMAN EMPIRE

COORD. ED.

J. L. Brandão, C. Teixeira, F. Faversani, A. Rodrigues

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
<https://www.uc.pt/imprensa>

Contacto Contact
imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales
<https://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics
Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics
Pedro Bandeira

Impressão e Acabamento Printed by
KDP

ISSN
2182-8814

ISBN
978-989-26-2658-1

ISBN Digital
978-989-26-2659-8

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2659-8>

Depósito Legal Legal Deposit
541570/24



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I&D
financiada por **fct** Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia Projeto
UIDB/00196/2020 Criado em 1967



REPÚBLICA
PORTUGUESA

Resultados do trabalho realizado no âmbito
do Proj. Rome our Home: (Auto)biographical
Tradition and the Shaping of Identity(ies)
(PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

Financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação
para a Ciência e a Tecnologia I.P. no âmbito do projeto
UIDB/00196/2020

Publicação financiada pelo projeto Geral do Centro de
Estudos Clássicos e Humanísticos

©Dezembro 2024

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

BIOGRAFIA E IDENTIDADE NO IMPÉRIO ROMANO

BIOGRAPHY AND IDENTITY IN THE ROMAN EMPIRE

COORDENADORES EDITORS

J. L. Brandão, C. Teixeira, F. Faversani, A. Rodrigues

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Coimbra, Universidade de Évora, Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO

O presente volume inclui estudos teóricos sobre a Biografia, as suas origens e desenvolvimentos na Grécia e em Roma, que convergem no tratamento biográfico do regime imperial romano. Além da referência a diversos biógrafos, são objeto especial de análise biografias de Josefo, Plutarco, Suetónio, Quinto Cúrcio, Tácito e *História Augusta*, bem como *Vidas* de governantes — Alexandre, Augusto, Tibério, Galba, Otão, Adriano e Cómodo — e de políticos influentes, como Germânico e Agrícola.

PALAVRAS-CHAVE

Biografia, Identidade Romana, Império Romano, Roma Antiga, historiografia

ABSTRACT

This volume includes theoretical studies on Biography, its origins and developments in Greece and Rome, as well as its relationship with Ancient History, converging in the biographical treatment of the Roman imperial regime. In addition to references to various biographers, biographies by Josephus, Plutarch, Suetonius, Quintus Curtius, Tacitus and *Historia Augusta* are particularly analysed, as well as *Lives* of rulers - Alexander, Augustus, Tiberius, Galba, Otho, Hadrian and Commodus - and influential politicians, such as Germanicus and Agricola.

KEYWORDS

Biography, Roman Identity, Roman Empire, Ancient Rome, historiography

COORDENADORES EDITORS

José Luís Brandão é Professor Associado em Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do CECH.

José Luís Brandão is Associate Professor of Classical Studies at the Faculty of Letters of the University of Coimbra and researcher at the CECH.

Cláudia Teixeira é Professora Associada da Universidade de Évora, doutorada em Literaturas Clássicas e investigadora do CECH.

Cláudia Teixeira is Associate Professor at the University of Évora, PhD in Classical Literatures and researcher at the CECH.

Fábio Faversani é Doutorado pela Universidade de São Paulo e Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

Fábio Faversani holds a PhD from the University of São Paulo and is professor of Ancient History at the Federal University of Ouro Preto, Brazil.

Ália Rodrigues é Doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e foi Investigadora Pós-Doutoranda no Projecto BioRom sediado no CECH.

Ália Rodrigues holds a PhD in Classical Studies from the University of Coimbra and was a Post-Doctoral Researcher at the BioRom Project based at the CECH.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I. BIOGRAFIA: HISTÓRIA, CONCEITOS E ESTRUTURA	
APONTAMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO DA BIOGRAFIA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NOTES ON THE DEVELOPMENT OF BIOGRAPHY IN CLASSICAL ANTIQUITY Joaquim Pinheiro	15
SUETÓNIO E A BIOGRAFIA IMPERIAL: UMA RECONSTRUÇÃO ÉTICA DA HISTÓRIA POLÍTICA SUETONIUS AND IMPERIAL BIOGRAPHY: AN ETHICAL RECONSTRUCTION OF POLITICAL HISTORY José Luís Brandão	39
A HISTÓRIA E A SUA CONSTRUÇÃO NA <i>HISTÓRIA AUGUSTA</i> : ALGUNS PRESSUPOSTOS <i>HISTORIA AUGUSTA</i> REGARDING THE CHALLENGES INVOLVED IN CREATING A DEPENDABLE HISTORICAL NARRATIVE Cláudia Teixeira	73
II. ALEXANDRE: MODELO DE IMPÉRIO	
EVOLUÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO: PLUTARCO E A AÇÃO DE ALEXANDRE PERANTE OS BÁRBAROS DERROTADOS EVOLUTION OVER TIME AND SPACE: PLUTARCH AND ALEXANDER'S BEHAVIOUR TOWARDS THE DEFEATED BARBARIANS Delfim F. Leão Ália Rodrigues	101
ALEXANDRE EM QUINTO CÚRCIO E O PRINCIPADO ROMANO: UM ESTUDO DE ALLELOPOIESIS THE ALEXANDER OF QUINTUS CURTIUS AND THE ROMAN PRINCIPATE: A STUDY ON ALLELOPOIESIS Fábio Fav ersani Fábio Duarte Joly	119
III. AUGUSTO: BIOGRAFIA E A FUNDAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO	
AUGUSTO SEGUNDO FLÁVIO JOSEFO: UM CONTRIBUTO PARA A BIOGRAFIA DO <i>PRINCEPS</i> AUGUSTUS BY FLAVIUS JOSEPHUS: A CONTRIBUTION TO THE BIOGRAPHY OF THE <i>PRINCEPS</i> Nuno Simões Rodrigues	133

AUGUSTUS IN Suetonius	151
AUGUSTO EM Suetônio	

José Luís Brandão

Delfim Leão

IV. BIOGRAFIA IMPERIAL: EMULAÇÃO, IDENTIDADE E CONFLITO

EN BUSCA DEL <i>PRINCEPS</i> IDEAL. TIBERIO VS. GERMÁNICO	
EN LOS <i>ANNALES</i> DE TÁCITO	177

IN SEARCH OF THE IDEAL *PRINCEPS*: TIBERIUS VS. GERMANICUS
IN TACITUS' *ANNALS*

Joaquín Villalba Álvarez

GALBA E OTÃO: DUAS PERSPETIVAS BIOGRÁFICAS	195
GALBA AND OTHO: TWO BIOGRAPHICAL PERSPECTIVES	

José Luís Brandão

HOW TO BE A ROMAN SENATOR: ANALYSING AGENCY IN TACITUS' <i>AGRICOLA</i>	211
COMO SER UM SENADOR ROMANO: ANÁLISE DO PODER DE ATUAÇÃO NO <i>AGRICOLA</i> DE TÁCITO	

Gerjanne Van Den Berg

<i>SEMPER IN OMNIBUS VARIUS</i> : HADRIAN'S PORTRAYAL IN THE <i>HISTORIA AUGUSTA</i>	233
---	-----

SEMPER IN OMNIBUS VARIUS: A REPRESENTAÇÃO DE
ADRIANO NA *HISTORIA AUGUSTA*

Cristiana Roffi

CÓMODO: OUTRO CALÍGULA, OUTRO NERO	257
COMMODUS: ANOTHER CALIGULA, ANOTHER NERO	

José Luís Brandão

A HISTÓRIA E A SUA CONSTRUÇÃO NA *HISTÓRIA AUGUSTA*: ALGUNS PRESSUPOSTOS¹

THE CHALLENGES OF CONSTRUCTING A RELIABLE HISTORICAL NARRATIVE IN THE *HISTORIA AUGUSTA*: SOME CONSIDERATIONS

CLÁUDIA TEIXEIRA

Universidade de Évora, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-1282-2568

RESUMO: Este trabalho aborda a perceção do autor da *História Augusta* relativamente aos desafios envolvidos na criação de uma narrativa histórica fidedigna. Analisam-se as soluções usadas pelo biógrafo para superar esses desafios, nomeadamente as estratégias de composição relacionadas com a integração na obra das vidas de imperadores, césares e usurpadores (*Av. Cás.* 2.1-3; *Él.* 1.1) e os critérios que adota para o tratamento dos *trivia* (*Macr.* 1.2-5; *Gord.* 21.3-4). Argumenta-se que estes elementos desempenham um papel fundamental na construção dos biografados como modelos de vício e virtude e que esta construção, por sua vez, é crucial para tornar compreensível o papel do elemento humano no devir da História Romana, concetualmente vista como uma série alternada de períodos positivos e negativos (*Car.* 2.1-7).

PALAVRAS-CHAVE: *História Augusta*, redação histórica, conceito de História

ABSTRACT: This paper addresses the author's perception in the *Historia Augusta* regarding the challenges involved in creating a reliable historical narrative. It analyzes the solutions employed by the biographer to overcome these challenges, specifically the compositional strategies related to the integration of the lives of emperors, Caesars, and usurpers (*Av. Cas.* 2.1-3; *Ael.* 1.1) and the criteria he adopts for handling the *trivia* (*Macr.* 1.2-5; *Gord.* 21.3-4). It is argued that these elements play a fundamental role in shaping the biographees as models of vice and virtue, and that this construction is crucial for understanding the role of the human element in the course of Roman History, conceptually viewed as an alternating series of positive and negative periods (*Car.* 2.1-7).

KEYWORDS: *Historia Augusta*, History writing, History concept

A *Historia Augusta*, uma coletânea de biografias de imperadores, césares e usurpadores, que se inicia com a *Vita* de Adriano e termina com as biografias conjuntas de Caro e dos seus filhos, Carino e Numeriano,² ganhou, nos últimos

¹ Trabalho realizado no âmbito do Proj. *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017). Expresso o meu agradecimento aos meus colegas José Luís Brandão e Nuno Simões Rodrigues pelos comentários e sugestões que gentilmente me deram no momento da redação deste texto.

² A continuidade do relato é interrompida no que respeita aos anos de 244 a 253 d.C., razão pela qual as biografias dos imperadores Filipe, o Árabe, Décio e Treboniano Galo não constam

cem anos, o estatuto de uma das mais intrigantes obras da literatura latina tardia.³ A sua autoria, data de composição, génese e intenção programática têm sido alvo de controvérsia e, apesar de, na atualidade, se registarem consensos mais ou menos generalizados sobre algumas destas matérias, mantêm-se, sobre outras, dúvidas e indagações substantivas. No tocante à autoria, desde que H. Dessau propôs, em 1889,⁴ a tese de que a obra teria sido escrita por um único autor, postergando a atribuição tradicional a seis autores (Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebélíio Polião e Flávio Vopisco), coletivamente conhecidos como *Scriptores Historiae Augusta* (SHA), a *História Augusta* passou a avolumar o grupo de obras anónimas, não obstante as tentativas realizadas para identificar, senão o autor, pelo menos o círculo cultural da sua origem.⁵ Além disso, reconhece-se que a obra partilha relações de semelhança com o *Breviarium Historiae Romanae* de Eutrópio, com o *Liber de Caesaribus* de Aurélio Víctor e com o também anónimo *Epitome de Caesaribus*, mas desconhece-se se estas obras integram, a par de Mário Máximo, o conjunto de fontes usadas pelo autor da *História Augusta* ou se todas seguem uma *Kaisergeschichte* anterior.⁶ No que respeita à data, aponta-se hoje o final do século IV ou o início do V como a data mais provável da sua redação,⁷ embora haja autores que tenham indicado datações distintas.⁸ Igualmente discutida é a intenção programática da obra. Neste particular, as propostas apresentam uma amplitude que varia entre o reconhecimento de que a composição da HA prosseguiu, de facto, algum propósito (fosse ele lúdico, paródico, satírico, religioso, literário, etc.) e a assunção de que o biógrafo «(...) was not just interested in heresy, Julian, Germans, or Constantinople. His political views, if they deserve to be so described, were utopian fantasies such as good emperors respecting the Senate and choosing the best men to succeed them. The author of the HA was a frivolous, ignorant person with no agenda worthy of the name at all.»⁹

da obra. Esta omissão tem sido interpretada quer como parte do desenho da obra e, portanto, propositada, quer como fruto de ocorrência accidental. *Vide* resumo desta discussão em Chastagnol 1994: XLII-XLV.

³ Syme 1971, 1: «The *Historia Augusta* is without question or rival the most enigmatic work that Antiquity has transmitted».

⁴ Dessau 1889: 391-2.

⁵ *Vide* discussão em Chastagnol 1994: CLI-CLIII; e também Ratti 2007; Cameron 2011, Thomson 2012, Savino 2017.

⁶ *Vide* Burgess 1993 e 1995.

⁷ Entre os autores que defendem o final do século IV, encontram-se Chastagnol 1994, Ratti 2010: 261-9; Paschoud 1996: XIII, defendeu que uma parte da obra teria sido escrita entre 395-393 e a outra entre 404-406; o início do século V é proposto, entre outros, por Neri 2002, Rohrbacher 2016, Savino 2017.

⁸ Mommsen 1890, Momigliano 1954, Lippold 1998: 1-14, defenderam a era de Constantino; Domaszewski 1918, o século VI. *Vide* a história desta discussão, desde os finais do século XIX e ao longo do XX, em Chastagnol 1994: XV-XXXIV.

⁹ Cameron 2011: 781.

A relação da *HA* com a História constitui outra questão abundantemente discutida pela crítica. Como já exposto anteriormente neste volume,¹⁰ os textos que formam a tradição biográfica na Antiguidade apresentam hibridismos de distintas naturezas que atestam a sua relação, a vários níveis, com outros géneros. Entre esses géneros, a História assume particular relevância, uma vez que ambos incidem sobre a realidade, partilham fontes, elementos discursivos e uma dimensão interpretativa de factos e agentes históricos, elementos que, de acordo com alguns autores, impõem inclusive dificuldades às suas delimitações: «We can only speak of separate genres of history and biography if we remain aware of the fluidity of the boundary between them, and the difficulty of drawing any neat demarcation. The notion of a genre of biography separate from history is useful only insofar as it helps the reader to understand the nature of the work, but depends upon a pact between author and reader which is renegotiated in every work.»¹¹ A dificuldade na demarcação das fronteiras entre Biografia e História foi também sucedânea do facto de na Antiguidade, e ao contrário do que sucedeu para outros géneros, não se ter estabelecido um quadro normativo suficientemente firme para cada tipologia.¹² No entanto, tal não obstou a que se reconhecesse que História e Biografia desenvolvem distintas perspectivas de análise, tal como nos dá conta Plutarco, na *Vida de Alexandre*:

I.1. É à vida de Alexandre, o monarca, e à de César, o vencedor de Pompeu, que vou dedicar este livro. Dado que a quantidade de realizações a considerar é enorme, não vou fazer qualquer outra introdução que não seja pedir a benevolência dos meus leitores; se eu não incluir todos os feitos notáveis destes homens ou não fizer uma descrição exaustiva em cada caso, e me ficar, na maior parte dos assuntos, por uma síntese, que não reclamem. 2. É que não é História o que me proponho escrever, mas sim Biografia. A verdade é que nem sempre os atos mais relevantes são os mais reveladores de excelência ou de vício; em contrapartida, muitas vezes um episódio insignificante, um dito ou uma anedota, pode ser mais expressivo de um caráter do que batalhas com milhares de mortos, grandes paradas militares, ou cercos a cidades. 3. Assim, do mesmo modo que os pintores, ao produzirem um retrato, se fixam no rosto ou na expressão dos olhos, que são o espelho do caráter, e pouca atenção prestam às restantes partes do corpo, seja-me também permitido dedicar-me sobretudo aos sinais da alma e, a partir daí, retratar a vida de cada um deles. As grandes façanhas e lutas que travaram deixo-as para outros.¹³

¹⁰ *Vide*, neste volume, Pinheiro: 22-25; Brandão: 46-55.

¹¹ Stadter 2007: 528.

¹² Não obstante, como esclarecer Codoñer 1986: 5, esta ausência de um quadro normativo não impede o reconhecimento de que é possível deduzir da historiografia algumas «normas de género que se mantienen relativamente inmutables a lo largo de los siglos que van de Salustio a Tácito.»

¹³ Tradução de Silva 2019: 51.

Embora não desenvolvida, a distinção que Plutarco nos oferece entre biografia e história assume que, apesar de ambos os gêneros tomarem por objeto a realidade histórica, ambos apresentam também diferenças conceituais. Assim, se a História tem por objeto o ‘todo’, isto é, o estudo integrado das ações humanas ao longo da cadeia histórica, fazendo incidir a sua análise sobre os grandes acontecimentos, as causalidades que os determinam e as consequências que deles se geram, a biografia privilegia o indivíduo e, muito particularmente, o seu *ethos*.¹⁴ Deste modo, a preferência pelo carácter do indivíduo ou, para usar a metáfora plutarquiana, pelos ‘olhos’, em detrimento de uma abordagem holística que privilegiasse todas as ‘partes do corpo’, faz com que a Biografia opere analiticamente sobre quadros históricos filtrados por lente individual. Isto não significa que a Biografia inclua no discurso apenas episódios menores ou somente episódios da vida privada, extinguindo toda e qualquer relação com os acontecimentos políticos, históricos e militares que ocorreram no âmbito da vida do biografado. Pelo contrário, os grandes acontecimentos marcam igualmente presença na Biografia, mas a sua integração ou não na composição dos retratos é feita em função das necessidades de avaliação do carácter do sujeito histórico e não da sua relevância no quadro da História ou da sua importância para o conhecimento das dinâmicas do processo histórico. É essa circunstância que justifica, por exemplo, que a descrição da guerra da Gália ocupe apenas parte de um parágrafo na *Vida de César* suetoniana (c. 25), mas que, pelo contrário, o tratamento da sua *libido* seja extenso, ou que a proclamação da *Constitutio Antoniniana* seja omitida na *Vida de Caracala* na HA, pois nela se priorizam os vícios do imperador e não as suas ações políticas. Assim, em um género que tem por objeto o *ethos* do indivíduo, não é de estranhar que ‘vícios e virtudes’ se tenham imposto como as megacategorias do discurso, isto é, como os tópicos que estruturam a narrativa biográfica e, por conseguinte, como o «critério de seleção ou exclusão de material»¹⁵. É, pois, em função da demonstração desse *ethos* que o biógrafo recorta e integra a matéria histórica na narrativa, organizando-a discursivamente de acordo com os modelos que a tradição consagrara, nomeadamente *per tempora*, isto é, de forma cronologicamente ordenada, ou *per species*,¹⁶ isto é, por catálogos de vícios e

¹⁴ Stadter 2007: 540: «Speaking generally, political biography represents the personal approach to history. Its focus is not on larger elements of causation, such as the constant seesaw of action and retribution and the limits of human nature seen in Herodotus and Thucydides, but on the personal. It asks what kind of character a historical actor possessed, what motivated his behavior, what he accomplished or failed to achieve.» Temmerman 2020: 7-8: «It comes as no surprise, then, that opinions vary on how precisely to define biography as a part of ancient textual production. It never was a rigidly defined genre, and much ink has flowed over the question of what it was (and what it was not). It is a recurrent pattern that modern definitions tend to impose boundaries which do not seem to be justified by the ancient material, which is too sprawling and diverse to be captured under one single definition unless a very general one».

¹⁵ Brandão 2010: 31.

¹⁶ De acordo com a divisão estabelecida em Suetónio, *Aug.* 9.1.

virtudes, sacrificando a ordenação cronológica.¹⁷ Esta estratégia permite que a biografia, mais do que analisar interpretativamente os acontecimentos, ajuste a sua função textual ao objetivo de produzir ‘louvor’ e ‘censura’, de forma a motivar – e este seria o último efeito por si visado – a adesão ou a rejeição do leitor relativamente aos sujeitos históricos biografados.

Esta abordagem da realidade não significa, como se disse, que os textos biográficos não contenham elementos que se oferecem à análise histórica quer elementos que atestam o posicionamento interpretativo por parte do biógrafo face à História, mesmo a despeito do elevado de grau de subjetividade que o tratamento de matérias morais, características particulares e acessórias implica. Além disso, mesmo quando divorciada da explicação causal dos acontecimentos e das forças que os estruturam, a Biografia não deixa de se constituir como um objeto contextual, revelador do meio e das circunstâncias em que foi criado, mas, mais importante, como um objeto que nos oferece uma construção cultural integrada a partir da dinâmica que se estabelece entre indivíduo e contexto. No entanto, o caso particular da *HA* é mais problemático. O seu valor documental, sobretudo no que respeita às vidas menores, é reconhecidamente escasso. Se, por um lado, a matéria histórica ressumadamente vertida no texto e o fundo contextual das *Vidas* concedem o acesso ao contexto histórico, político e institucional do tempo situado entre os Antoninos e o ascenso de Diocleciano, permitindo «(...) trazar un panorama claro sobre los avatares del poder y sobre otros multiples aspectos de la sociedad imperial desde el punto de vista histórico, cultural, institucional, político, religioso, costumbrista, etc.»¹⁸, por outro lado os limites ao seu estatuto de fonte fidedigna são extensos e severos: a organização da matéria privilegia recortes temáticos de baixa intensidade e, por isso, de fraca pertinência para uma leitura acurada do processo histórico, mas, mais importante, grande parte dessa matéria denota a infiltração de expansões ficcionais¹⁹ que fazem com que o discurso, globalmente considerado, se afaste das normas subjacentes à narrativa histórica, pelo menos tal como Cícero as enunciou no *De oratore* e que Cizek sintetiza da seguinte forma: «La première était de ne rien dire de faux, la seconde d’oser dire tout ce qui est vrai. A son tour, la troisième loi serait d’éviter

¹⁷ A *História Augusta*, e a despeito de o seu autor declarar a intenção de seguir o modelo *per species* usado por Suetónio, apresenta um grande grau de liberdade no tocante à organização das matérias. Sobre as diferenças relativas à estrutura das *Vidas* na *HA* e em Suetónio, vide Picón 1989: 25-8.

¹⁸ Picón 1989: 29-30.

¹⁹ Birley 2006: 23: «But the ‘secondary lives’ in the first part and those from *Val.* onwards were predominantly fictional. As calculated by Paschoud, the amount of serious historical information in the last five *vitae* is as follows: 26.6% in *Aur.*, 15.3% in *Tac.*, 16.8 % in *Prob.*; nil in *QT*; 17.2% in *Car.* On a rapid count, one might add approximate percentages for some other *vitae*: *Ael.* c. 25%; *AC*, *G* and *Dd* just over 5%; *PN* 28.8%; *CIA* 32.1%; *OM* c. 33.3%; *Hel.* c. 24%; *AS* just over 4%; *Cl.* c. 10.25%»

tout soupçon de partialité, de faveur ou de haine.»²⁰ Portanto, a ineficácia da *HA* como documento histórico não resulta apenas do facto de a composição das *Vidas*, porquanto centrada no indivíduo, tender a obliterar ou a condensar a informação histórica em ajuste à necessidade de amplificar o discurso moral e valorativo, mas também da presença de elementos ficcionais, usados para (re) criar desde episódios a vidas completas (e cuja composição denota, além disso, a prática intertextual e alusiva),²¹ bem como do recurso a pseudo-fontes, que incluem autores muito presumivelmente inventados e uma série bastante extensa de elementos forjados e de documentação falsa, entre os quais se contam cartas, discursos, documentos oficiais, epígrafes, etc., e ainda do facto de se registarem na obra múltiplos anacronismos, incoerências e segmentos de texto repetidos em distintos contextos.²²

Se estes elementos concorrem para avaliação de que a *HA* é uma obra mais próxima da ficção do que da História, as reflexões metodológicas que o biógrafo introduz ao longo da narrativa também não escaparam ao selo da falta de seriedade. Contudo, essas reflexões não deixam de revelar uma ideação complexa sobre o papel do historiador na construção da História e sobre o tipo de matérias que a devem integrar, que, no nosso entender, se ajusta ao plano interno da obra e aos objetivos que o biógrafo assume prosseguir. Para decompormos esta questão, valerá a pena começar por equacionar a perceção que o autor tem sobre a posição que a *HA* ocupa no plano da tradição historiográfica. No prefácio à *Vida de Probo*, o biógrafo chama à colação os grandes nomes da Historiografia e da Biografia, para depois sintetizar o escopo da sua própria narrativa:

Prob. 2. 6 Eu quero apenas deixar testemunho de que também eu escrevi sobre um assunto que qualquer um, se o desejasse, poderia expor mais dignamente e com um discurso mais elevado. *7* No que me diz respeito, a minha intenção, ao relatar as vidas e épocas dos imperadores, foi, na verdade, imitar não os Salústios, os Lívios, os Tácitos, os Trogos e todos os escritores mais eloquentes, mas sim Mário Máximo, Suetónio Tranquilo, Fábio Marcelino, Gargílio Marcial, Júlio Capitolino, Élio Lamprídio e outros que transmitiram à posteridade estes e outros factos semelhantes, não tanto com eloquência, mas com veracidade.

²⁰ Cizek 1988: 22: «Pour des raisons de propagande politique de bon aloi, l'historien peut donc faire une entorse aux lois de l'histoire ou plutôt les interpréter d'une manière personnelle. C'est ainsi qu'il atteint une vérité subjective, voire partielle, mais qui saurait être plus profonde qu'une *veritas* de surface. Cette *veritas* n'est qu'un volet de la *fides*, de la loyauté à l'égard de l'histoire profonde (...)».

²¹ Vide Roherback 2016.

²² Cameron 2011: 743, no seguimento de uma longa tradição que contesta a autenticidade da *HA*, sintetiza esse caráter ao salientar que a obra se encontra «(...) full of errors, absurdities, and manifestly forged documents, they cite as authorities no fewer than thirty-five otherwise unknown and for the most part surely bogus historians and biographers.»

Este excerto põe em relevo a distinção entre dois modos de discurso, que, embora não identificados, o leitor consegue deduzir a partir dos nomes dos autores aduzidos. Assim, se, de um lado, temos Salústio, Lívio, Tácito, Trogo e outros historiadores implicados pelo uso metonímico do plural, do outro lado surgem os nomes de Mário Máximo, Suetónio Tranquilo, Fábio Marcelino, Gargílio Marcial, Júlio Capitolino e Êlio Lampridio,²³ isto é, um conjunto de biógrafos que se agrupam para sugerir um modo de escrita distinto do dos anteriores. Esta segmentação opõe, consequentemente, História a Biografia, dois géneros que partilham semelhanças, mas também inúmeras diferenças, como atrás explicitado. Mas, curiosamente, na perspetiva do autor da *HA*, aquilo que os separaria seria apenas a *eloquência*. A sua biografia distanciar-se-ia, portanto, da historiografia no estilo, porquanto segue a *breuitas*²⁴ em detrimento da erudição, mas não no propósito de fazer um relato verídico.²⁵

A noção de veracidade do relato histórico é, ao longo da obra, sujeita a diferentes estratos analíticos. No prefácio da *Vida de Aureliano*, quando entregava a Júnio Tiberino a biografia do imperador, previamente solicitada por aquele para que a memória do *Princeps* se não perdesse no tempo, a veracidade, que anteriormente evocara como objetivo, torna-se motivo de controvérsia:

Aur. 2. 1 E, quando na mesma carruagem, a nossa conversa recaiu sobre Trebélío Polião, que transmitiu à posteridade os imperadores, tanto ilustres como obscuros, desde os dois Filipes até ao Divino Cláudio e ao seu irmão Quintilo, Tiberiano afirmou que Polião relatou muitas coisas de forma descuidada e outras de forma abreviada, eu ripostei que não havia nenhum escritor, pelo menos no que respeita à História, que não tivesse mentido em alguma coisa e até identifiquei em que é que Lívio, em que é que Salústio, em que é que Cornélio Tácito e, por fim, em que é que Trogo podiam ser contraditados com provas claras, ele mudou de opinião e, levantando as mãos, disse ainda em tom de brincadeira 2 «Escreve como te aprouver. Estarás defendido para dizer o que quiseses; terás como companheiros da mentira os autores que admiramos pela eloquência das suas obras históricas.»

Na perceção do autor da *HA* os historiadores *mentem*. A tradição que discutia a separação entre História e ficção era já longa. Aristóteles celebrizara-a na *Poética* (IX,1451b), ao escrever que o poeta e o historiador se distinguem «(...)

²³ Vide a discussão sobre a distinção entre História e Biografia e respetivas implicações na *HA* em Hengst 1981: 97-98; 127-128; 134-136.

²⁴ Sobre o problema da *breuitas* e da eloquência, vide Burian 1977: 288; Hengst 1981: 73-78, 126-127; Cizek 1996: 289-290.

²⁵ Este objetivo é, ademais, reiterado em outros passos da obra: *Tr. Tyr.* 11.6, 33.8; *Car.* 21.2. Sobre o problema da 'verdade' historiográfica na *HA*, vide discussão em Hengst 1981: 97, 107, 135-136, 159, 161-163.

pelo facto de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer.»²⁶; Luciano, em *Como se deve escrever História* (8-9), traçara a necessidade de observar essa divisão como condição para evitar deformações na relação verdade-utilidade que, do seu ponto de vista, conformaria o objeto e a finalidade da História: «Incorre, portanto, num grande, ou melhor, num enormíssimo defeito, quem não souber separar a História da Poética – o mito, o encómio e o exagero a estes inerente –, é como se alguém vestisse de púrpura e com uma indumentária de cortesã um desses atletas fortes (...). Ó Héracles! Como o tornarias ridículo e o desfigurarias com tal indumentária! (...) De facto, uma e só uma é a tarefa e a finalidade da História – a *utilidade*, a qual deriva unicamente da *verdade*.»²⁷

A consideração generalista, por parte do autor da *HA*, de que a historiografia, incluindo os autores que citara antes como modelos do género, integra elementos que podem ser contraditados não permite avaliar a extensão ou o grau de mendacidade pressuposto na sua acusação. Mas o que é curioso é que autor não responde ao comentário de Tiberino, que considera jocoso, de que também ele (admitindo aqui a tese da autoria única) apresentara matéria de forma descuidada e, mais importante, de que também ele, escudado pela defesa que faz de Polião, estaria autorizado a *mentir*. Logo de seguida, o biógrafo introduz o tópico do local de nascimento de Aureliano, dizendo que, para a maioria dos autores, ele nascera em Sírmio, para outros, na Dácia, e para um, na Mésia. A dessintonia é explicada como decorrente de dois factos (*Aur.* 3.2): o frequente desconhecimento da origem daqueles que nasceram em lugar humilde; a auto-recriação que os próprios agentes históricos fazem dessa origem para *dar aos seus descendentes um esplendor resultante do brilho da localidade*²⁸. A consideração que faz sobre a disparidade das informações obtidas nas fontes, e que pode ser lida como resposta à acusação de Tiberino, revela o seu posicionamento relativamente ao tratamento de uma das dificuldades que se põem ao historiador e que consiste precisamente no tratamento dos elementos incertos ou lacunares²⁹. Ao expressar a dispersão que o local de nascimento de Aureliano adquire nos autores que leu, o biógrafo admite assim não só que as lacunas e as incertezas são passíveis de preenchimento com matéria não fidedigna como ainda que os factos que passam para a historiografia se podem encontrar alterados por mecanismos de ficcionalização, neste caso, autoficcionalização, que os consolidam como factuais previamente à sua

²⁶ Tradução de Valente 2008: 54.

²⁷ Tradução de Magueijo 2013: 28-9.

²⁸ O local de nascimento, mesmo admitindo a importância que o mundo antigo lhe atribuíra e a despeito de constituir também uma das espécies importantes no esquema das biografias da *HA*, não representa, segundo o autor, um dado histórico de especial relevância para a apreciação qualitativa do *ethos* (cf. *Aur.* 3.3-5). Sobre esta contradição, vide Pausch 2010: 126.

²⁹ O papel que a incerteza das matérias tem para a construção da História é referenciado mais vezes ao longo da obra. No que respeita à incerteza relativa ao número e à ascendência dos Gordianos e à morte de Auréolo, vide Burian 1977: 291-2.

importação para a escrita. Se, para o biógrafo, a incerteza e a lacuna configuram o espaço em que o historiador recria a informação, isto é, *mente* (Aur. 2.1), ou se a sua acusação é mais abrangente e se estende a outros elementos, não é possível determiná-lo. O facto de não ter acrescentado qualquer prova à consideração que faz de Lívio, Salústio, Tácito e Trogo abona, na nossa perspetiva, a favor da primeira hipótese. Mas, para todos os efeitos, o que importa salientar é que o autor da *HA*, perante a pluralidade de opiniões expressa pelas fontes, admite que alguns factos históricos estão sujeitos a reinvenção e que essa reinvenção produz novas significações. Portanto, para o autor da *HA*, a incerteza e/ou a lacuna não só são assumidas como um espaço privilegiado para a interpretação, mas também como elementos que, uma vez interpretados, produzem uma cadeia de erro que interfere na fidedignidade do relato histórico. Por conseguinte, ao explicar que essa é uma das razões que leva à produção de informação divergente, o biógrafo assume que existem condicionamentos à prossecução de relatos históricos plenamente isentos de erro. Mas, mais importante, ao resumir o erro à construção historiográfica que se faz a partir da lacuna ou da incerteza, indulgenciando os historiadores de responsabilidades mais substantivas no tocante à produção de falsidades, o autor da *HA* – e, mais uma vez, assumindo que esta reflexão ocorre na sequência da sugestão de Tiberino de que também ele poderia mentir – não deixa também de subsumir as falsidades presentes na sua própria obra,³⁰ que apresenta uma expressiva quantidade de informação inautêntica e ficcional, no argumento de que as mentiras historiográficas são circunstancialmente motivadas e ocasionais, quando, na verdade, os desvios à *fides* nas suas *Vidas* são regulares, persistentes e sistemáticos.

Não obstante, para o autor da *HA*, a responsabilidade do historiador na construção da História é mais ampla do que a denotada pela produção de informação falsa. No prefácio da *Vida de Probo*, o biógrafo, para justificar a inexistência de uma biografia do imperador, traz à colação as consequências das suas decisões no que respeita à seleção dos objetos:

Prob. 1. 1 É verdade que – como Salústio Crispo e os historiadores Marco Catão e Gélíio escreveram nas suas obras em jeito de máxima – todas as virtudes de qualquer homem são tão grandes quanto o engenho daqueles que relataram os seus feitos as fez parecer. (...) *3* Talvez perguntes a que respeitam estas palavras, caro Celsino. É que, por falta de escritores, desconhecemos o imperador Probo, cujo governo reconduziu o Oriente, o Ocidente, o Sul e o Norte e todas as partes do orbe a uma perfeita segurança.»

Prob. 2. 3 A Gneu Pompeio, coberto de brilho pelos três triunfos obtidos pela guerra contra os piratas, pela guerra contra Sertório e pela guerra contra

³⁰ Vide Cizek 1996: 287-9.

Mitridates, e glorioso pela grandeza de suas muitas conquistas – quem o conheceria se Marco Túlio e Tito Lívio os não tivessem trazido para as suas obras? 4 E quanto a Públio Cipião Africano, ou mais ainda, a todos os Cipiões, quer chamados Lúcio ou Násica –, a escuridão não os teria arrebatado e ocultado se não tivessem existido historiadores, tanto famosos como desconhecidos, que enaltecessem os seu feitos?

Estas declarações voltam a pôr em evidência a visão do autor da *História Augusta* relativamente ao papel do historiador no processo de construção da memória. De acordo com o biógrafo, o resgate de figuras e acontecimentos do oblívio depende, em primeiro lugar, da decisão autoral, que os seleciona, ou não, para objeto das suas obras. Os *exempla* escolhidos para ilustrar este preceito não poderiam ser mais eloquentes, dado não se tratarem de figuras menores no quadro da História de Roma: Cipião Africano (sécs. III-II a.C.) fora general, cônsul e, mais importante, o vencedor de Zama, batalha que pôs fim à segunda guerra púnica e lançou as bases para a futura hegemonia de Roma sobre o Mediterrâneo; Pompeio Magno (106 a.C. – 48 a.C.), um dos mais importantes generais e estadistas da conturbada primeira metade do século I a.C., devolveu a Roma o domínio da Hispânia, o controle sobre o Este e, uma vez libertos da pirataria, a soberania sobre os mares; foi triúmviro e o herói de Farsalo que, mesmo a despeito da sua derrota, a posteridade continuaria a evocar como símbolo de oposição às orientações e tendências da política romana a partir do período de César. Todavia, ao tomá-los como exemplo das figuras históricas cujo resgate da obscuridade se deve apenas à ação de quem sobre eles escreveu, o autor da *HA* argumenta que não é a relevância dos sujeitos históricos e dos acontecimentos que protagonizam que impõe a sua inclusão nos registos historiográfico e biográfico, mas sim o historiador. A decisão *subjativa*, como notou Burian³¹, é para o biógrafo a variável determinante para o processo de construção do passado e da sua cadeia de referencialidade, pois tudo o que é memorializado, incluindo os sujeitos e acontecimentos mais relevantes para o processo histórico, depende da existência de um historiador que lhe dê forma e conteúdo. Mas mais. Se é dele que depende a memória do passado também é dele que depende o valor que esses sujeitos históricos adquirem na narrativa, pois, segundo o autor da *HA*, é o seu *ingenium*, isto é, a sua habilidade, o seu potencial inato, subentenda-se, para descrever e retratar, que determina a valoração que adquirem no âmbito do processo dessa construção memorialística.

Estas duas reflexões, vistas conjuntamente, produzem um entendimento sobre o papel dos textos na cristalização da História. Para o autor da *HA*, a História, isto é, a narrativa transmitida pela historiografia, traduz-se no saldo que resulta

³¹ Burian 1977: 286.

da relação entre realidade histórica e comunicação. Essa relação é, no seu entender, determinantemente mediada pelo historiador: por um lado, ele é condição para a existência da História – não da História vista como a sucessão de acontecimentos ocorridos em um determinado espaço e tempo, mas da História literariamente construída, que, passada pelo crivo da transmissão, é reconhecida pelo leitor como História; por outro lado, é também do seu talento que depende a valoração e a credibilidade da matéria que se transmite e, por consequência, o posicionamento de acontecimentos e sujeitos históricos na cadeia de relevância. Estas considerações, não obstante a singeleza de que se revestem, deixam-nos uma constatação que alimenta, até aos dias de hoje, o debate sobre a natureza da relação da História com a sua representação em obras históricas, ou seja, a de que a História como narrativa é, por contraponto à História como acontecimento, um produto não só instanciado como valorativamente instanciado.

Em passo anterior, no início da vida de Pescénio Nigro, o biógrafo introduzira também uma reflexão conexa relativamente ao distinto tratamento que as obras historiográficas dão aos sujeitos históricos:

P. N. 1. 1 É raro e difícil serem bem tratadas em obras escritas as vidas daqueles que a vitória de outros tornou tiranos e dificilmente se encontra uma exposição completa sobre eles em obras literárias e anais. 2 Em primeiro lugar, os grandes feitos que abonam a sua honra são deformados pelos escritores; depois, outros são suprimidos; finalmente, não se fazem pesquisas assaz diligentes sobre a sua linhagem e a sua vida, pelo que se toma como suficiente mencionar a audácia deles e a guerra em que foram vencidos, bem como o castigo que sofreram.³²

Independentemente de esta reflexão aparecer deslocada da anterior, isto é, na décima sétima *Vida* anterior à de Probo, o assunto autoriza, no nosso entender, a sua análise conjunta. Deste modo, se a reflexão feita na *Vida de Probo* deixa claro que era pelo labor literário, e não pela sua própria importância, que os sujeitos históricos seriam resgatados da obscuridade e outorgados de presença e relevância na História, neste passo o biógrafo introduz uma nova questão que se centra na diferença de tratamento dada pelos historiadores a esses sujeitos em função dos seus estatutos de vencedores e vencidos. Os autores, prossegue o biógrafo, relatam as vidas destes últimos, imprimindo-lhes deformações, supressões e reduções em função dos êxitos que não tiveram e das derrotas sofridas – o que significa que fornecem visões adulteradas e incompletas da História. O catálogo de mecanismos discursivos que aponta às narrativas que tomam por objeto os vencidos é importante, mais uma vez, para a percepção que

³² Tradução de Brandão 2021: 103. A consciência de que a redação da História menoriza a importância dos vencidos pode ler-se também em Salústio, *Cat.* 3.

o autor da *HA* tem do papel desempenhado pela escrita no processo de transmissão da História: em primeiro lugar, se na reflexão anterior ficara clara a ideia de que a História transmitida resulta da seleção da realidade operada por quem escreve, neste passo, o autor acrescenta mais um nível a essa ideia ao dizer que essa seleção se encontra previamente condicionada por um critério que privilegia os vencedores em detrimento dos vencidos ou, nos casos em que se tomam a ambos por objeto, que lhes impõe um tratamento desigual em função dessa condição. Ao enunciar esta percepção, o biógrafo revela, mais uma vez, a consciência não só de que quem escreve é, de facto, o organizador da memória, mas também de que o discurso, incluindo o historiográfico, tem, *ex natura*, poder de modelação da realidade, porquanto se revela capaz de modificar, amplificar e reduzir os objetos no processo da sua cristalização na memória. Em estreita oposição a esse redimensionar da realidade, o autor da *HA* propõe-se tratar a totalidade, entendida como o conjunto dos sujeitos históricos que, de uma forma ou de outra, com ou sem êxito, reivindicaram ou obtiveram o poder imperial:

Él. 1. 1 Ao Augusto Diocleciano, a quem o seu Élio Eparciano saúda. Está no meu ânimo, ó Augusto Diocleciano, o maior de todos os príncipes, levar ao conhecimento da tua divindade não apenas aqueles que governaram como príncipes, estatuto que manténs, tal como fiz em relação ao divino Adriano, mas também aqueles que ou foram chamados pelo nome de «Césares», sem que no entanto tenham sido príncipes ou «Augustos», ou que de alguma outra forma vieram a ter a fama ou a esperança do principado.»³³

Av. Cás. 3. 3 pois propus-me, ó Augusto Diocleciano, passar a escrito as vidas de todos os que por justa ou injusta causa possuíram o nome de ‘imperadores’, para que assim conheças, ó Augusto, todos os que usaram a púrpura.³⁴

O impulso totalizante, que justifica a integração na *HA* das vidas não só de imperadores, mas também de usurpadores, incluindo mulheres, como refere misoginisticamente em *Claud. I.2*,³⁵ e de Césares, é frequentemente reiterado pelo biógrafo ao longo da obra.³⁶ Na sua apreciação, tal impulso constitui a resposta

³³ Tradução de Rodrigues 2013: 73.

³⁴ Tradução de Rodrigues 2013: 175-6.

³⁵ *Cl. 1. 2: si quidem eo res processit ut mulierum etiam vitas scribi Gallieni comparatio effecerit.* «Pois as coisas chegaram a tal ponto que, para fazer a comparação com Galieno, fui compelido a escrever até a vida de mulheres.»

³⁶ *Prob. 1. 5-6: Sed non patiar ego ille, a quo dudum solus Aurelianus est expetitus, cuius uitam quantum potui persecutus, Tacito Florianoque iam scriptis non me ad Probi facta conscendere, si uita suppetet, omnes qui supersunt usque ad Maximianum Diocletianumque dicturus. 6 Neque ego nunc facultatem eloquentiamque polliceor sed res gestas, quas perire non patior.* «Mas eu que há pouco tempo apenas tinha em vista Aureliano, cuja vida relatei o melhor que pude, e tendo já escrito sobre Tácito e Floriano, não suportarei não me lançar aos feitos de Probo, propondo-me, se a minha vida chegar para tanto, falar de todos os que restam até Maximiano e Diocleciano.

necessária aos problemas encontrados na maioria dos discursos históricos e, por conseguinte, uma forma de minorar as segmentações arbitrariamente decididas pelos historiadores que preferencialmente importam para as suas narrativas os vencedores. É também, na sua perspetiva, uma forma de robustecer a *fides* histórica, porquanto o cabal entendimento da História implica o conhecimento não apenas dos seus protagonistas, mas também dos inúmeros antagonistas suplantados e derrotados que, frequentemente, são votados ao esquecimento ou relegados para a condição de figurante ou, quando muito, de elemento acessório, das narrativas biográficas dos primeiros. No entanto, a decisão de incluir na obra as biografias de figuras secundárias não se acomoda apenas à constatação de que a fidedignidade histórica é maior quanto mais abrangente for o tratamento da realidade, pois a insistência na totalidade reforça, na verdade, o objetivo da obra, que visa fazer a demonstração programática dos *ethe* dos distintos sujeitos históricos. Essa demonstração, embora primordialmente ativada a partir dos vícios e virtudes de cada um dos biografados, avulta-se igualmente por meio do contraste com as dimensões morais e qualitativas de outros sujeitos, nomeadamente dos que viveram nos mesmos períodos. Basta pensar, por exemplo, nas segmentações que opõem Geta a Caracala, Maximino a Máximo, os usurpadores a Galieno, para que se perceba que a introdução destas figuras menores concede ao biógrafo a possibilidade de ativar a comparação, quer direta quer indireta, e assim amplificar os vícios e as virtudes que se pretendem fazer salientar nas figuras maiores em função das diferenças e oposições que se estabelecem na narrativa. Esta estratégia, por sua vez, evidencia um enorme potencial no que respeita ao reforço dos ideários promovidos pelo autor da *HA*. Com efeito, os vícios de Vero, mesmo a despeito de o biógrafo o não colocar nem entre os bons nem entre os maus Príncipes,³⁷ amplificam o ideário pró-Marco Aurélio; o retrato de Máximo reforça, também por contraste, a indignidade do pai e o ideário que associa os bons imperadores ao seu posicionamento no sistema de valores da *Romanitas*; as qualidades de Geta e dos trinta usurpadores, mais do que dizerem algo de substantivo de si próprios, alimentam respetivamente o ideário anti-Caracala e anti-Galieno, ambos marcados pelo afastamento das virtudes, quer naturais quer da ação política, que caracterizam o ‘bom governante’.

Ao impulso da totalidade não corresponde, todavia, o da universalidade. Se conhecer a vida de todos é condição para uma narrativa fidedigna, a matéria a desenvolver no quadro de cada biografia deve restringir-se aos elementos ‘dignos de menção’:

6 Agora, não prometo elegância e eloquência, mas apenas os seus feitos, que não permito que pereçam». E igualmente, no prefácio (1.1-4) às *Vidas* conjuntas de Firmo, Saturnino, Prócuro e Bonoso.

³⁷ *Ver.* 1.3.

Macr. 1. 2 (...) No entanto, é dever daquele que começa a escrever biografias alheias contar apenas o que é digno de ser conhecido. 3 Júnio Cordo, por exemplo, dedicou-se a publicar as biografias daqueles imperadores que considerava mais obscuros, mas não teve grande êxito. 4 Na verdade, as informações que recolheu foram poucas e não eram dignas de menção. Asseverava ele que era seu desígnio esquadrinhar todas as minudências, como se, no caso de um Trajano ou de um Pio ou de um Marco, fosse preciso saber quantas vezes apareciam em público, quando alteravam a dieta, quando mudavam de roupa e a quem, e quando, promoviam. 5 Ao enumerar tudo isto, registrando pormenores de tal natureza, encheu os seus livros com mito-histórias, quando absolutamente nada, ou então muito pouco, daquilo que é trivial deve ser registrado, a não ser que a partir daí se possa avaliar o caráter, que é na verdade o que importa conhecer ... mas apenas em parte, para que daí se infira o restante.

Gord. 21. 3 Isto é o que descobrimos sobre Gordiano, o Jovem, que é digno de menção. Com efeito, no nosso entender, não se deve transmitir histórias como aquelas que Júnio Cordo, ridícula e estultamente, escreveu, sobre os prazeres domésticos e outras coisas insignificantes. 4 Quem quiser saber essas coisas que leia Cordo, que conta que escravos é que cada imperador tinha e que amigos e quantas capas e quantos mantos. O conhecimento destas coisas não é útil a ninguém, porque é dever dos historiadores pôr na sua História as coisas que devem ser evitadas ou seguidas.

Portanto, se todos são dignos de menção, nem tudo é digno de ser mencionado. Como bem explicado pelo autor da *HA*, as *uoluptates domesticae ceteraeque infimae res* («os prazeres domésticos e outras coisas insignificantes») e um conjunto de *trivia*, que o autor exemplifica com elementos protocolares, regime alimentar, estilo e política de promoções, são explicitamente condenados não apenas por serem insignificantes e sem utilidade, mas também por darem origem a mito-histórias, isto é, histórias ficcionais, ordenadas segundo uma lógica discursiva semelhante à da História. Neste particular, e ao contrário do que, de forma crítica, diz relativamente à seleção de uns sujeitos em detrimento de outros, o escritor não só é autorizado a imprimir recortes sobre a realidade como lhe é imposto o controle do impulso integrador no tocante a estas matérias, sob pena de vir a produzir um relato de forma *ridícula e estulta*.

Como exaustivamente observado pela crítica, a delimitação que o autor da *HA* impõe entre o que é matéria aceitável e útil e matéria a evitar não deixa de ser surpreendente, sobretudo tendo em conta que a sua própria obra integra um vasto conjunto de informação trivial. Com efeito, saber, entre outras referências semelhantes profusamente transmitidas, que Heliogábalo comia peixes sempre cozinhados em um preparado de cor azul (*Elag.* 24.1), nunca repetia calçado (*Elag.* 32.1) e havia capturado uma baleia (*Elag.* 32.1), ou que Galieno preservava uvas por três anos (*Gal.* 16.2) e aspergia o cabelo com pó de ouro para realçar o

brilho dos cabelos (*Gal.* 16.4), ou que Aureliano tinha sido o único cidadão privado a possuir um elefante (*Aur.* 5.6) ou que Carino tomava banhos arrefecidos com neve (17.4) gera não só uma tensão com o princípio de contenção que defende como também perturba o próprio compromisso autoral relativamente à necessidade de comedimento no tocante à integração destas matérias. Todavia, a ressalva feita, em *Macr.* 1.5, mobiliza outra explicação: o biógrafo acrescenta que *nada, ou então muito pouco, daquilo que é trivial deve ser registado, a não ser que a partir daí se possa avaliar o caráter, que é na verdade o que importa conhecer.* Sobre os historiadores, prossegue o autor da *HA* em *Gord.* 21.4, impende, assim, a obrigação de *registar as coisas que devem ser evitadas ou seguidas*, subentendendo-se, no plano dos *mores*.

A recusa das trivialidades não constitui, portanto, uma recusa universal, mas sim uma recusa condicionada pelo grau de contributo que esses elementos dão à demonstração do caráter moral dos biografados e à sua consequente paradigmaticização.³⁸ Na verdade, e mesmo nas *Vidas* que apresentam caracteres matizados, isso raramente ou mesmo nunca cancela a possibilidade de os enquadrar em paradigmas de vício ou de virtude: por exemplo, se as vidas de Marco Aurélio e de Probo fazem das figuras destes imperadores os modelos por excelência do bom Príncipe, a de Aureliano, não obstante a imperfeição da *crudelitas* (36. 2-3) e de o biógrafo lançar sobre ele a sentença de que foi um Príncipe *mais necessário do que bom* (*Aur.* 37.1), não deixa de o emoldurar com um conjunto expressivo de virtudes que o retiram do conjunto dos maus imperadores; de igual forma, se na vida de Caracala o biógrafo fala expressivamente das virtudes que revelou deter na infância, isso em nada obsta a que, a partir daí o seu retrato seja construído como um repositório de vícios, que o situam no grupo dos imperadores indignos; de igual forma, se na vida de Maximino, as suas qualidades militares (*Max.* 8. 2-4) são amplamente elogiadas, isso não basta para o resgatar do grupo dos maus príncipes; e até Vero, que, no início da biografia, o autor da *HA* considera (1.3) não se integrar *nem entre os bons, nem entre os maus príncipes*, é, no final da mesma *Vida*, comparado a Nero, excetuando no que respeita à *crudelidade e aos fingimentos* (*V.* 10.8). Portanto, a arquitetura das biografias é sempre valorativa e, como tal, a organização discursiva tende também sempre a concorrer para a segmentação dos modelos que, invariavelmente, se constituem como positivos ou negativos, independentemente das gradações implicadas no desenho de cada figura. E, neste sentido, se os ‘vícios’ e as ‘virtudes’ são para o autor da *HA* as *species* por meio das quais cria, recria ou interpreta os sujeitos históricos sobre quem escreve, os *trivia*, na circunstância em que favorecem a demonstração do

³⁸ Em sentido contrário, esta restrição, em associação com a asserção sobre os *trivia*, tem sido interpretada como prova da falta de uma intenção séria por parte do autor da *HA*. Vide discussão em Hengst 1981: 44-46, 161; Rotherback 2016: 65.

ethos, são não só apêndices temáticos de grande expressividade pelos quais enfatiza as características morais que quer fazer denotar em cada sujeito histórico, mas também o instrumento pelo qual vícios e virtudes são dotados de um corpo ainda mais objetivável e concreto na narrativa. Por conseguinte, não obstante comprometerem a veracidade da construção biográfica e se firmarem como elementos perturbadores do entendimento da História, para o biógrafo os *trivia* constituiriam, a despeito de eivados de ficcionalidade, preconceitos e erros históricos, peças importantes para promover a verosimilhança interna da narrativa, porquanto ativam e confirmam a paradigmática das figuras em modelos e anti-modelos de valores, favorecendo, por conseguinte, a adesão ou rejeição do leitor a cada uma dessas figuras paradigmaticamente construídas.

Como referido atrás, os factos transmitidos pela *HA* estão longe da acurácia e da precisão exigida a uma narrativa histórica. Mas tal não significa que não haja, por parte do seu autor, um entendimento historicizante da realidade e do devir histórico. No prefácio da *Vida de Caro*, o autor apresenta-nos esse entendimento, ao explicar a evolução da *respublica* romana:

Car. 1 1 Que o *Fatum* é quem rege a República, ora elevando-a às alturas ora arrastando-a de volta para as profundezas, é bem demonstrado pela morte de Probo. (...) ³⁹ 2. 1 Com efeito, se quisermos passar em revista, a começar pela origem da cidade, todas as mudanças que República sofreu, descobriremos que nenhuma outra que tivesse florescido mais nos bons momentos e sofrido mais nos maus. 2 Assim, para começar com Rômulo, o verdadeiro pai e criador da República, que felicidade foi a dele, que fundou, constituiu e fortaleceu um estado, sendo também o único que, entre todos os fundadores, deixou uma cidade completa! 3 Em seguida, que direi de Numa, que fortificou uma cidade alvoroçada pelas guerras e envaidecida pelos triunfos com a religião? 4 E assim a nossa República prosperou até a época de Tarquínio Soberbo, quando sofreu uma tempestade por causa do caráter deste rei e que por si mesma foi vingada, mas não sem causar grave ruína. 5 Então continuou a crescer até ao tempo da guerra gaulesa, quando, como se afundada por um naufrágio, a cidade,

³⁹ No segmento de texto transcrito (2.1-3.1), o biógrafo desenvolve o tema da divisão das idades por meio da comparação com a evolução biológica dos seres humanos. Esta associação contava já com uma larga tradição, como explica Paschoud 2001: 24-325: «Le schéma biologique des âges de Rome nous est connu au travers de quatre textes: Sénèque cité et coomplété par Lactance (*inst.* 7,15,14-17), Florus, *Epitome* 1 *praef.* 4-8, Ammien 14,6,4-6 et notre passage. Ce motif c'est auparavant élaboré progressivement, à partir notamment de Polybe (6,51,4), Cicéron (*rep.* 2,3 et 2,21) et Velléius Paterculus (2,11,3).» Relativamente à divisão biológica das idades, Chastagnol 1994: 1136, associa a infância de Roma ao período compreendido entre Rômulo até ao final da Monarquia; a adolescência, ao período que se inicia com a República até ao final da segunda guerra púnica; a idade adulta, que se iniciaria após este evento, corresponderia ao período da expansão romana e terminaria, já na velhice, no período das guerras civis. A partir de então, Roma voltaria a nascer, como criança, com o principado de Augusto. Sobre a forma como esta tema foi desenvolvido na *HA*, vide Paschoud 2001: 324-30; Hengst 1981: 150-153.

com exceção da cidadela, foi capturada e sentiu males quase maiores do que os êxitos de que se inflara. 6 Depois, regressou à sua integridade, mas a tal ponto foi agravada pelas Guerras Púnicas e pelo terror de Pirro que sentiu, no temor do seu coração, os males da mortalidade. 3.1 Em seguida, depois de conquistada Cartago e de dilatado o império para além dos mares, voltou a prosperar, mas afligida pelas discórdias com os aliados, perdeu o sentido da felicidade e definhou, atormentada por guerras civis, até ao tempo de Augusto. De seguida, foi reparada por Augusto, se é que se pode falar de reparação quando a liberdade é deposta. 2 De qualquer forma, embora lamentada em casa, ganhou prestígio junto das nações estrangeiras. Seguidamente, depois de suportar tantos Neros, ergueu a cabeça com Vespasiano. Impossibilitada de gozar por inteiro a felicidade de Tito e ferida pela ferocidade de Domiciano, esteve melhor do que o que era costume com Nerva, Trajano, até ao principado de Marco, quando foi lacerada pela loucura e crueldade de Cómodo. 4 Depois disto, com exceção da diligência de Severo, nada sentiu de bom até Alexandre, filho de Mameia. 5 Seria muito demorado acrescentar todos os acontecimentos que se seguiram; na verdade, não lhe foi permitido desfrutar de um príncipe como Valeriano e teve de suportar Galieno durante quinze anos. 6 A Fortuna, amante da mudança e sempre perto de inimiga da justiça, privou Cláudio de um governo longo. 7 Com efeito, Aureliano foi assassinado de tal forma, Tácito destruído de tal maneira e Probo aniquilado de tal modo que parece que nada é tão grato à Fortuna como alterar, por meio da vicissitude dos acontecimentos, as coisas que respeitam à administração do estado.

A visão expressa pelo texto convoca e articula elementos históricos e a-históricos para produzir uma síntese qualitativa da evolução da história de Roma.⁴⁰ O recurso a entidades a-históricas para a explicação causal dos acontecimentos e da sucessão dos tempos não é também exclusivo do autor da *HA*. A premissa de que o *Fatum* é uma entidade que determina os sucessivos compassos da ascensão e da decadência e de que a Fortuna, que sela a reflexão, é um agente que aciona sucessivas mudanças na História, integrava quer o pensamento filosófico quer o

⁴⁰ Burgersdijk 2010: 83: «The author of the *HA* uses the same *aetates* metaphor as his predecessors, but solves the problem differently: he simply abandons the metaphor halfway through his survey of Roman history, while replacing it by considerations about the mutability of Fortune. This replacement is obscured by a literary tactic that we have come across before: he tries to evade the issue that Lactantius and Florus were confronted with: that history continues where life ends sooner or later. He does so, by introducing a second metaphor, which is all about shipwrecks and storms when bad times afflict the state. In chapter 1.1-4, the three elements (fate, shipwreck and human life) are introduced and applied to the times from Valerian to the death of Probus (which is 253 to 282 AD). In passage 2.1-3.1 the theme of the *aetates Romae* prevails, as applied to the times from Romulus to Augustus (753 BC-14 AD). Passage 3.2-8 is chiefly concerned with the theme of the vagaries of fate in the imperial period, from Augustus to Probus (14-282 AD).»

discurso dos historiadores desde há largos séculos.⁴¹ Salústio incluía a ação da Fortuna entre as causas do declínio de Roma,⁴² Políbio enfatizara a sua relação com os ‘assuntos do mundo’,⁴³ Tito Lívio usara-a como alavanca explicativa da causalidade histórica,⁴⁴ Tácito equacionara-a como uma força poderosa que traduz «(...) the pleasure or anger of the gods with Rome into events (...)».⁴⁵ Mas, contrariamente ao que sucedia com estes historiadores que incorporaram estas entidades na suas visões da História sempre a par da agência humana, o autor da *História Augusta* atribui-lhes por inteiro o peso da causalidade no que respeita à sucessão das eras. No seu entender, as distintas eras sucedem-se na cadeia histórica sem que haja qualquer relação causal que as ligue e que explique, de forma integrada, o modo como se encadearam e se articularam na continuidade. Pelo contrário, cada um dos tempos emerge sem qualquer relação de dependência com o anterior nem de influência relativamente ao seguinte, como se se tratassem de blocos isolados de uma construção caprichosamente organizada pela Fortuna segundo um único critério: o da alternância entre bons e maus períodos. O fator humano não se encontra, todavia, totalmente ausente da sua reflexão, na medida em que a maioria desses períodos históricos é explicitamente vinculada a um ou a um conjunto de governantes. Esse vínculo é traduzido por uma única significação: períodos históricos e respetivos governantes são detentores do mesmo grau de qualidade. Assim, a *respublica* sofreu e entrou em decadência sob Tarquínio Soberbo, os ‘Neros’, Domiciano, Cómodo, todos os *principes* que governaram entre Severo e Alexandre, e Galieno; e prosperou sob Rómulo, Numa, Augusto (a despeito da sempre lamentada perda da liberdade), Vespasiano, os Antoninos (excetuando Cómodo), Severo e Alexandre; e teria prosperado também, ou ainda

⁴¹ Paschoud 2001: 331, observa que a palavra «(...) *fatum*, ses dérivés, ainsi que le terme de sens apparenté *fortuna*, jouent un rôle important dans l’ensemble de l’*HA* (...)». Il est clair que cette notion occupe une place centrale dans les conceptions religieuses de l’Anonyme. Chez Ammien Marcellin, le *fatum* joue un rôle identique, mais moins frappant et plus conventionnel.»

⁴² *Cat.* 10.1. Todavia, Vassiliades 2020: 310, observa: «En accordant à la *fortuna* une place aussi marginale dans son interprétation de l’histoire, Salluste se distingue d’une tradition, ayant comme représentants Cicéron et Polybe, qui admettaient de façon plus ou moins affirmative l’influence de la *fortuna* dans l’histoire des États.»

⁴³ *Pol.* 1.4.1. Sobre as definições do conceito em Políbio, vide Phillips 2016.

⁴⁴ Vassiliades 2020: 341: «Les dieux, leur volonté (*fatum*) et la *fortuna*, s’identifiant à un instrument des dieux, occupent une place importante dans le schéma livien de causalité historique. En effet, le progrès de Rome n’aurait sans doute pas été possible, s’il n’avait pas représenté un *fatum* décidé par les dieux; la *fortuna* favorable a été souvent offerte aux hommes en tant que cadeau des dieux, notamment lors des circonstances difficiles pour Rome. Toutefois, l’assistance divine n’aurait pas été obtenue par les Romains, s’ils n’avaient pas fait preuve de leurs qualités morales. L’homme avec ses *mores* apparaît donc comme l’agent principal du progrès de Rome. Les facteurs extra-humains sont un complément important, mais qui vient en récompense de la vertu des hommes. Ainsi l’historien tend à concilier la liberté humaine et la providence divine, en attribuant aux deux un rôle dans la formation de l’histoire.»

⁴⁵ Scott 1968: 86, n. 24. Sobre a relação entre estas identidades e a *uirtus*, vide Lacroix 1951: 247-64.

mais, sob Valeriano e os ilírios Cláudio, Aureliano, Tácito e Probo⁴⁶ se a *Fortuna* os não tivesse privado de governos mais longos. Não é perceptível, nesta reflexão, se o autor considera que a *Fortuna* concede liberdade ao governante, e em que grau, para criar a qualidade do tempo que governa ou se, pelo contrário, esse governante se constitui como um mero sucedâneo da qualidade desse tempo previamente por ela trazido no movimento de eterna oscilação entre decadência e elevação. De qualquer forma, e independentemente de ser o homem que cria a dimensão qualitativa do tempo ou de ser o tempo que, ao cumprir-se nessa dimensão qualitativa, traz consigo um governante com as características correspondentes, a verdade é que, na percepção do autor do biógrafo, ambos se encontram associados em uma relação mimética que faz do tempo o reflexo do homem e do homem o reflexo do tempo. O elemento que, do ponto de vista humano, dá expressão a essa relação qualitativa é o *ethos*. Com efeito, e apesar de, no passo citado, a referência direta a características morais ser escassa, não é despiciente notar que, para ilustrar a felicidade e a ruína das eras, o autor escolheu, de entre as figuras sobre as quais escreveu, Marco Aurélio,⁴⁷ Cómodo, Alexandre, Valeriano, Galieno, Cláudio, Aureliano, Tácito, Probo, isto é, figuras claramente representativas da segmentação que opõe bons imperadores a maus imperadores; já, no caso dos Júlio-Cláudios e dos Flávios, a escolha recaiu sobre Augusto, os ‘Neros’,⁴⁸ Vespasiano, Tito e Domiciano, isto é, de figuras sobre as quais não escreveu mas que ocasionalmente referencia, e cuja avaliação coincide com a de Suétônio; no que respeita a Rômulo, Numa e Tarquínio Soberbo, a apreciação ajusta-se à de Tito Lívio. Assim, ao vincular esses homens – que, nas respetivas *Vidas*, havia construído como modelos de bons e maus príncipes em função das qualidades dos respetivos *ethe* – à qualidade da *respublica* no tempo de cada dos seus governos, o autor da *HA* transforma o *ethos* no elemento que permite confirmar o conteúdo qualitativo, positivo ou negativo, de cada um dos blocos de tempo alternadamente trazidos pela *Fortuna*. Neste sentido, ao constituir-se como o elemento que permite dar corpo interpretativo à felicidade e à infelicidade que caracteriza essas eras, o *ethos*, modelado a partir de um conjunto de vícios e de virtudes, é o elemento por meio do qual o fator humano adquire integração e representação na História. Mesmo admitindo que para o autor da *HA* o plano humano não tem qualquer intervenção na emergência e na sucessão das eras e que os governantes são apenas réplicas qualitativas da arquitetura previamente

⁴⁶ Vide análise de cada uma destas eras em Hengst 1981:150-156; Paschoud 2001: 332-7; Burgersdijk 2010: 83-93.

⁴⁷ Saliente-se que, a despeito de a *HA* não incluir as vidas de Nerva e de Trajano, é por eles que inicia a referência aos Antoninos. Sobre a ausência destas vidas na *HA*, vide Meckler 1996: esp. 365-8.

⁴⁸ Isto é, os imperadores descendentes de Tibério Cláudio Nero e Lúvia Drusila: Tibério (filho), Calígula (bisneto), Cláudio (neto) e Nero (trineto). Vide Paschoud 2001: 334.

desenhada pelo *fatum* e pela *Fortuna*, o *ethos* mitiga o determinismo cego, que o biógrafo faz subjazer ao devir histórico, ao associar a cada uma das eras nascidas e perecidas os padrões morais e as construções ideológicas que produz ao desenhar o perfil dos governantes. Na verdade, se a associação entre o valor das eras e dos governantes se extinguisse, a relação do homem com a História desenvolver-se-ia em um plano incompreensivelmente aleatório. Deter vícios ou virtudes, neste quadro, não teria qualquer importância: as eras seriam alternadamente felizes ou infelizes de acordo com os ditames do *fatum* e da ação da *Fortuna*, independentemente da qualidade moral dos *Principes* que as governassem – o que, em última análise, tornaria também ineficaz e inútil o valor do próprio sistema de oposição entre bons e maus governantes que o autor da *HA* desenvolve ao escrever as suas biografias.

Mas a construção dos *ethe* não ativa apenas a relação com a qualidade das eras, mas também a demonstração de que essas eras, e não obstante a forma como o autor as apresenta no prefácio à vida de *Caro*, não são estáticas. Vícios e virtudes mobilizam, na verdade, as dinâmicas intrínsecas a cada um dos tempos, resgatando-os não do determinismo que os faz emergir e desaparecer, mas da noção de que esse determinismo aniquila a contingência e a movimentação humana no interior de cada tempo: Geta não se constitui apenas como um repositório das virtudes que enfatiza as que Caracala não demonstra ter, mas, tendo em conta o registo profundamente encomiástico do seu *ethos*, avulta-se também como a oportunidade, que não se cumpre, de a *respublica* poder ter tido um governante qualitativamente diferente; Heliogábalo, o *Princeps* sobre o qual o biógrafo expressa o desejo de não ter escrito,⁴⁹ ao ilustrar o protótipo do tirano confirma, por extensão, as ações humanas que levaram a que este período descesse ao patamar mais baixo da degeneração da *respublica*, que vinha a ocorrer desde o governo de Severo;⁵⁰ as qualidades atribuídas aos trinta usurpadores, que falam, por contraste, mais da degradação moral de Galieno do que de si próprios, permitem retratar também uma das eras de decadência extrema trazida pela *Fortuna* como um tempo repleto de ações que visaram não apenas substituir o *Princeps*, mas também a sobrevivência do Estado⁵¹; a composição moral que o biógrafo faz para Marco Aurélio redundante em um retrato encomiástico,⁵² mas esse retrato contribui para a construção da ideia de que o tempo do seu governo foi, a

⁴⁹ Elag. 1.1: *Vitam Heliogabali Antonini, qui Varius etiam dictus est, numquam in litteras misissem, ne quis fuisse Romanorum principem sciret, nisi ante Caligulas et Neronis et Vitellios hoc idem habuisset imperium.* «Jamais teria escrito a vida de Antonino Heliogábalo, também chamado Vário, para que se não soubesse que ele foi príncipe dos romanos, se antes dele o império não tivesse tido Calígulas, Neros e Vitélios.»

⁵⁰ Vide Mader 2005: 139-40.

⁵¹ Sobre o tratamento dos usurpadores pelo autor da *HA*, vide Burian 1977: 290-1.

⁵² Sobre a construção do retrato de Marco Aurélio na *HA*, incluindo os aspetos em que esse retrato se desvia pontualmente do registo encomiástico, vide Adams 2013: 185-207.

despeito das dificuldades, da instabilidade e da sordidez de alguns dos seus próximos, um auge moral na cadeia histórica que opôs o governo dos cinco bons toninos a Cómodo; o *ethos* de Vero, além de reforçar, por contraste, o modelo idealizado que o autor da *HA* constrói de Marco Aurélio, traz também consigo a ideia de que, mesmo nos bons períodos, a ameaça de um tempo diferente nunca está totalmente ausente; e o de Avidio Cássio, a noção de que, por vezes, no interior de cada uma das eras há mais do que um homem que pode assumir a boa-ventura dos tempos trazidos pela Fortuna⁵³.

A importância dos vícios e virtudes para a construção destes sentidos permite reequacionar o alcance dos princípios que o autor da *HA* define para a composição das suas biografias, nomeadamente o da representação da totalidade e o levantamento da censura aos *trivia* quando abonam o caráter moral. A insistência na totalidade, expressa pela intenção de passar a escrito as vidas de imperadores, césores e usurpadores, se, por um lado, assegura ao leitor que, ao contrário das obras dos historiadores que critica, a sua obra não transmite uma visão incompleta, modelizada ou instanciada da realidade, por outro lado, é também o princípio que lhe permite integrar, no esquema das biografias, uma significativa plêiade de figuras menores e acentuar, por meio das oposições criadas, as caracterizações das figuras maiores. De igual modo, a aceitação dos *trivia* apenas quando estes contribuem para o desenho do caráter moral se, por um lado, é um expediente pelo qual garante ao leitor que as suas narrativas biográficas não incluirão *inutilia*, por outro lado, é o mecanismo que lhe permite reivindicar a possibilidade de introduzir nas *Vidas* todas as matérias que avalia como essenciais para a demonstração moral, incluindo o que é ficcional, ilógico, absurdo, ou oriundo de contextos intertextuais. Neste sentido, os princípios da ‘totalidade’ e da ‘essencialidade’ permitem ao autor da *HA* expandir e reforçar as dimensões morais dos biografados, dimensões essas que não se revelam apenas como fundamentais para a construir os modelos paradigmáticos de bom e mau governante, mas também para que essa paradigmática funcione como um elemento que promove a compreensão, em termos humanos, das regularidades que conformam a sucessão da História por meio da convergência qualitativa entre governante e tempo de governação.

Este pressuposto permite-nos, por sua vez, enquadrar também a noção de ‘verdade histórica’ do autor da *História Augusta*. Que a *HA* é uma obra mais

⁵³ Av. Cass. 13, 8-10: *Haec sunt quae de Cassio Avidio comperimus. 9 cuius ipsius mores, ut supra diximus, varii semper fuerunt sed ad censuram crudelitatemque propensiores. 10 qui, si optinuisset imperium, fuisset non clemens et bonus, sed utilis et optimus imperator.* «8 Isto é o que soubemos acerca de Avidio Cássio, 9 cujas atitudes, como dissemos, foram sempre variadas, mas com preponderância da severidade e da crueldade. 10 Mas se tivesse possuído o poder, teria sido não apenas clemente e bom mas também um justo e excelente imperador.» Tradução de Rodrigues 2013: 189.

próxima da ficção do que da História é hoje um pressuposto indiscutível. No entanto, e embora o seu caráter fidedigno tenha sido sucessivamente desmascarado desde que Dessau⁵⁴ alertou para as falsificações produzidas pelo seu autor, isso não significa, como advertiu Momigliano, que seja fácil compreender a mente do falsificador.⁵⁵ Sabemos, contudo, que é comum os falsificadores criarem mecanismos de credibilização para as suas contrafações. O autor da *HA* não parece ter atuado de forma diferente. O maior instrumento a que o biógrafo recorre para este efeito assenta precisamente na forma como mimetiza a tradição discursiva historiográfica, que tinha consagrado a apresentação prefacial dos princípios programáticos que orientavam a produção das obras. Os excertos metadiscursivos que introduz na obra permitem-lhe, deste modo, imitar esses autores, por meio de uma construção que combina o comentário (pseudo)crítico aos elementos que condicionam a redação de uma História verdadeira com a defesa da fidedignidade da sua obra, que escuda na ‘totalidade’ e na ‘essencialidade’ das matérias. A crítica tem denunciado o caráter ilusório desta estratégia, pois, ao fazer o discurso sobre o seu discurso, expondo os princípios da sua produção, o autor da *HA* não só desvia a atenção do leitor da verdadeira natureza da obra, na qual esses princípios são interrogados pela enorme quantidade de elementos ficcionais, inverosímeis e falsos que introduz no texto, como o tenta convencer de que está a ler História, quando, na verdade, esse leitor estaria a ler, maioritariamente, ficção.⁵⁶

Contudo, e embora os excertos programáticos possam seguramente ser interpretados à luz de uma estratégia que visaria dar credibilidade a um relato histórico maioritariamente não verdadeiro, também não é possível desconsiderar que o pressuposto, assumido pelo biógrafo, de que pretende escrever *com veracidade* se ajusta a uma noção de verdade que, embora diferente da noção de *fides* que, pelo menos desde Tucídides, se encontrava associada ao labor historiográfico, se ajusta ao plano interno da obra, nomeadamente à relação que nela se produz entre *ethos* e História. Com efeito, se tivermos em conta que, para o autor da *HA*, a História é formada por uma sucessão alternada de bons e maus períodos cuja qualidade reflete o valor dos homens que os governam (*Car.* 2.1-7), escrever *com veracidade* implicaria dar corpo e substância a essa demonstração. Para a objetivar, o biógrafo assume princípios como os da ‘totalidade’ e da ‘aceitação dos *trivia* quando abonam o caráter moral dos biografados’, que lhe asseguram a possibilidade de introduzir na obra todos os sujeitos que, a despeito de recriados como miragens históricas, e todas as matérias, que, a despeito de ilógica e absurdamente darem corpo à expressão dos vícios mais reprováveis e das virtudes mais

⁵⁴ Vide Dessau 1889: esp. 348, 350-2; 392.

⁵⁵ Momigliano 1954: 23.

⁵⁶ Burian 1977: 288-9, 297. Sobre as ‘técnicas de autenticação’ na *HA* e na literatura, vide Rohrbacher 2016: 70-73; sobre a imitação prefacial na *HA*, vide Hengst 1981: 159-163.

encomiásticas, favorecem a construção expressiva do elemento-base dessa relação, isto é, os *ethe*. Portanto, embora os princípios assumidos pelo autor da *HA*, redundem na criação de uma fantasia programática que, como observa Burian, objetiva o ficcional⁵⁷ e, por consequência, descredibiliza ainda mais a seriedade da sua obra, tal não obsta a que, subjacente ao seu empreendimento, não existisse uma intenção de assumir um compromisso com uma noção de verdade que repousaria inteiramente na ideia de que a História é uma realidade que se compreende pelo vínculo, simetricamente reflexo, entre a qualidade dos governantes e a qualidade das eras. Uma ideia singela e insuficiente, mas que, todavia, não deixa de conter, como magnificamente expressa M. Yourcenar, um aviso às limitações que, a cada tempo, enquadram as percepções humanas relativamente ao mundo que as rodeia:

«Nós, sempre tão míopes quando se trata de apreciar a nossa própria civilização, os seus erros, as suas possibilidades de sobrevivência e a opinião que dela terá a posteridade, não temos o direito de nos admirarmos que os Romanos dos séculos III ou IV se tenham contentado até ao fim com vagas meditações sobre as vicissitudes da Fortuna, em vez de interpretarem mais claramente os sinais do fim do seu mundo. Nada mais complexo do que a curva de uma decadência. O gráfico incompleto que dela nos oferece a *História Augusta* é necessariamente inconclusivo: o reinado de Adriano é ainda um auge; o do lamentável Carino não representa um fim. A cada período de declínio vertiginoso seguiu-se uma paragem, ou até um reganhar temporário do vigor, que sempre se julgou duradouro. Cada salvador pareceu satisfazer a tudo.»⁵⁸

BIBLIOGRAFIA

- Adams, G. W. (2012), *Marcus Aurelius in the Historia Augusta and beyond*. Plymouth: Lexington Books.
- Birley, A. R. (2006), «Rewriting second-and third-century history in late antique Rome: the *Historia Augusta*», *Classica* (Brasil) 19: 19-29.
- Brandão, J. L. (2010), *Máscaras dos Césares. Teatro e Moralidade nas «Vidas» Suetonianas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Brandão, J. L., Rodrigues, N. & Teixeira, C. (2013), *História Augusta Vol. I: Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Burgersdijk, D. W. P. (2010), *Style and structure of the Historia Augusta*. [Thesis, externally prepared, Universiteit van Amsterdam]. Eigen Beheer.

⁵⁷ Burian 1977: 297.

⁵⁸ Yourcenar 1962: 21.

- Burgess, R. W. (1993), «*Principes cum Tyrannis*: two studies on the *Kaisergeschichte* and its tradition», *CQ* 43: 491-500.
- . (1995), «On the Date of the *Kaisergeschichte*», *CPh* 90.2: 111-28.
- Burian, J. (1977), «*Fides historica* als methodologischer Grundsatz der *Historia Augusta*», *Klio* 59: 285-98.
- Cameron, A. (2011), *The last pagans of Rome*. Oxford: Oxford University Press.
- Chastagnol, A. (1994), *Histoire auguste. Les empereurs romains des IIe et IIIe siècles*. Traduction du latin par A. et J. Chastagnol; ed. établie par A. Chastagnol. Paris: Robert Laffont.
- Cizek, E. (1988), «La poétique cicéronienne de l' *histoire*», *BAGB* 1: 16-25.
- . (1996), «La poétique de l'histoire dans l'*Histoire Augusta*», *REL* 74: 282-98.
- Codoñer, C. (1986), *Evolución del concepto de historiografía en Roma*. Bellaterra: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona.
- Dessau, H. (1889), «Über Zeit und Persönlichkeit der *Scriptores Historiae Augustae*», *Hermes* 24: 337-92.
- Hengst, D. den (1981). *The prefaces in the Historia Augusta*. Amsterdam: B. R. Grüner.
- Lacroix, J. (1951), ««*Fatum*» et «*Fortuna*» dans l'œuvre de Tacite», *REL* 129: 247-64.
- Lippold, A. & Waldherr, G. H. (eds.) (1998), *Die Historia Augusta: eine Sammlung römischer Kaiserbiographien aus der Zeit Konstantins*. Stuttgart: Steiner.
- Mader, G. (2005), «History as Carnival, or Method and Madness in the *Vita Heliogabali*», *ClAnt* 24: 131-72.
- Magie, D. (1921), *Scriptores Historiae Augustae – Volume I*. With an English Translation. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- . (1924), *Scriptores Historiae Augustae – Volume II*. With an English Translation. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- . (1932), *Scriptores Historiae Augustae – Volume III*. With an English Translation. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Magueijo, C. (2013), *Luciano de Samósata. Como se deve escrever história*. In *Luciano V*. Tradução do grego, introdução e notas de C. Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Meckler, M. L. (1996), «The beginning of the *Historia Augusta*», *Historia* 45: 364-75.
- Momigliano, A. (1954), «An unsolved problem of historical forgery: the *Scriptores Historiae Augustae*», *JWI* 17: 22-46.
- Mommsen, T. (1890), «Die *Scriptores Historiae Augustae*», *Hermes* 25: 228-92.
- Neri, V. (2002), «L'imperatore come *miles*: Tacito, Attalo e la datazione dell'*Historia Augusta*», *HAC* 8: 373-96.

- Paschoud, F. (1996), *Histoire Auguste tome V 1ère partie: Vies d'Aurélien et de Tacite*. Texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettres.
- . (2001), *Histoire Auguste tome V 2ère partie: Vies de Probus, Firmus, Saturnin, Proculus et Bonose, Carus, Numérien et Carin*. Texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettres.
- Pausch, D. (2008), «*Libellus non tam diserte quam fideliter scriptus?* Unreliable narration in the *Historia Augusta*», *Ancient Narrative* 8: 115-35.
- Phillips, D. (2016). *Polybius, Book 1. A Commentary*. Ann Arbor: Michigan Classical Press.
- Picón, V. & Cascón, A. (1989), *Historia Augusta*. Madrid: Ediciones AKAL.
- Ratti, S. (2007), «Nicomaque Flavien Senior auteur de l'*Histoire Auguste*», in G. Bonamente & H. Brandt (eds.), *Historiae Augustae Colloquium Bambergense. Atti dei Convegno sulla Historia Augusta X*. Bari: Edipuglia, 305-17.
- . (2010), *Antiquus error. Les ultimes feux de la résistance païenne*. Turnhout: Brepols.
- Rodrigues, N. S, Teixeira, C., Oliveira, F. & Brandão, J. L. (2021), *História Augusta. Vol. II: Vidas de Hêlvio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rohrbacher, D. (2016), *The Play of Allusion in the Historia Augusta*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Savino, E. (2017), *Ricerche sull'Historia Augusta*. Napoli: Naus.
- Scott, R. T. (1968), *Religion and philosophy in the Histories of Tacitus*. American Academy in Rome, vol. XXII.
- Sousa e Silva, M. F. & Brandão, J. L. (2019), *Plutarco. Vidas paralelas, Alexandre e César*. Tradução, introdução e comentário de M. F. Sousa e Silva, J. L. Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Stadter, P. (2007), «Biography and History», in J. Marincola (ed.), *A companion to Greek and Roman historiography*. Malden, Ma: Blackwell, 528-40.
- Syme, R. (1971), *Emperors and Biography. Studies in the Historia Augusta*. Oxford: Clarendon Press.
- . (1971a), *The Historia Augusta. A Call of Clarity*. Bonn: Habelt.
- Temmerman, K. de (ed.) (2020), *The Oxford handbook of Ancient Biography*. Oxford: Oxford University Press.
- Thomson, M. (2012), *Studies in the Historia Augusta*. Brussels: Éditions Latomus.
- Valente, A. M. (2008), *Aristóteles, Poética*. Prefácio de M. H. da R. Pereira. Tradução e notas de A. M. Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vassiliades, G. (2023), *La Res publica et sa décadence: de Salluste à Tite-Live*. Bordeaux: Ausonius éditions.

Yourcenar, M. (1962), *A benefício do inventário*. Tradução de Rafael Gomes Filipe. Lisboa: Difel.